

WATUSI

Ela é a única brasileira que se tornou mito do music-hall europeu. Seu nome — Watusi — brilhou em néon durante alguns anos na noite parisiense do Moulin Rouge: o templo do teatro de variedades, no coração de Pigalle. Como meneuse de revue, isto é, grande estrela, Watusi atingiu não apenas a glória. Ela também se tornou uma star internacional do showbiz, com cancha para abafar em qualquer palco do mundo.

Aliás, o planeta se tornou pequeno para quem em 1975 botava o pé no mundo disposta a provar do que era capaz. Dançando em to-

das às capitais européias, a Vênus de Ébano brasileira acabou sendo aplaudida pelos mitos que idolatrava. "Quando dei por mim", conta Watusi, "percebi que na platéia do Moulin Rouge os monstros sagrados do cinema, teatro, música e grand monde me aplaudiam. Yves Montand, Sylvester Stallone, Charles Aznavour, Diana Ross... E foi no palco do Moulin que finalmente meu país me descobria. Nada menos de 3 mil brasileiros me deram a prova de seu carinho.

Watusi, que já se apresentara durante três anos no Teatro Vitória, de Barcelona, protagonizando o show *Stardust*, e que abrihantava todos os grandes galas europeus — a Princesa Grace Kelly era uma

WATUSI

dança conforme a música



Senhora de todas as danças, mito do music-hall parisiense e star internacional, Watusi agora vai conquistar o Brasil pela telinha da Rede Manchete.

* Tornou-se mito do music-hall europeu... brilhou durante alguns anos nas noites boêmias de Moulin-Rouge... tornou-se star internacional do showbiz

de suas mais ardorosas fãs —, depois de conquistar seu pedaço na Europa achou que era tempo de retornar à pátria amada. Ela largou o alto cachê de 20 mil dólares do Moulin Rouge e fincou o pé novamente no Brasil no início dos anos 80. Fez show no Beco, em São Paulo, e ao lado de Grande Otelo inaugurou no Rio a casa de espetáculos Scala. Cantando e dançando, ela finalmente mostrava o que tinha a dar: uma arte com A maiúsculo.

Durante longos anos, a startalenta e sedutora foi privilégio de poucos afortunados. Agora, milhões de brasileiros poderão se deliciar com Watusi pela telinha de TV. (A show-woman estará ao lado do showman Miele na condução de

Dançando Conforme a Música, o novo programa da linha de shows da Rede Manchete. Ela finalmente irá realizar seu maior desejo: popularizar sua imagem em todo o país. "Uma oportunidade de ouro", diz ela. "Além de trabalhar ao lado de Miele, farei o que sei e gosto neste programa com direção-geral de meu grande amigo Augusto César Vannucci."

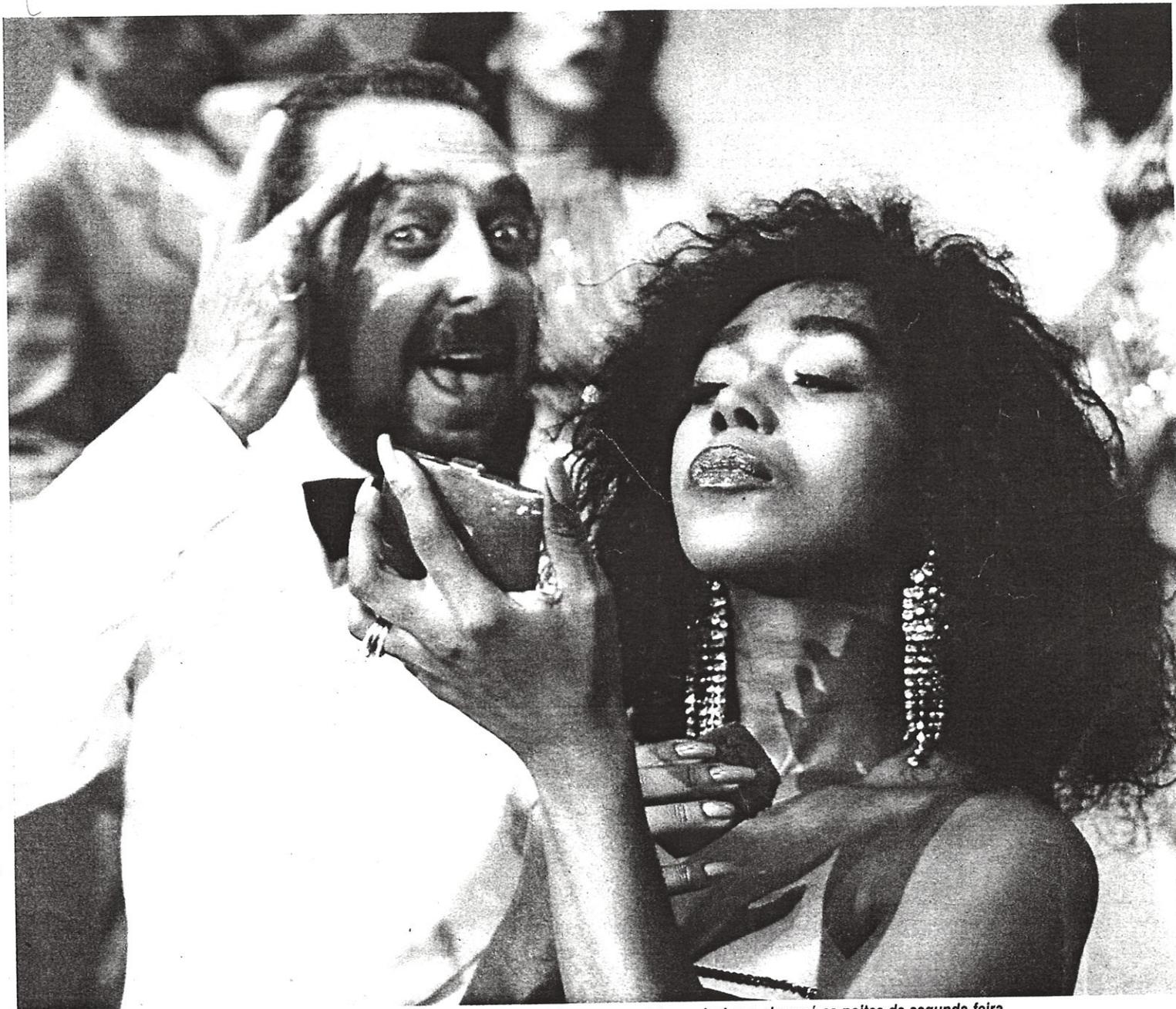
Dançando Conforme a Música, idealizado por Vannucci, se propõe a realizar uma viagem musical através do tempo, mostrando, através de uma maneira inteligente, como os diferentes estilos de dança influenciaram o comportamento social, os costumes, a política, a moda. A cada segunda-feira — a

partir do último dia 26 — sempre às 22h30min, Watusi e Miele, à frente de um elenco de cantores-bailarinos-atores, contarão a história de um ritmo em esquetes bem-humorados e quadros musicais. O ritmo de estréia será o bolero, e trará como convidados especiais João Bosco e Verônica Sabino. Em suas outras edições, *Dançando Conforme a Música* promete reativar e homenagear estilos marcantes como o samba-canção, a bossa nova, a beatlemania, a jovem guarda e tudo que já pintou nos salões do Brasil e do mundo. Ritmos que Watusi, como os espectadores verão, domina.

PAULO CATTÁ

FOTOS DE PEDRO BORGUETTI

Produção: Aguiberto Santos • Figurinos: Luiz Fernandes e Ricardo Aquino • Cabelo: Antônio Jorge • Maquiagem: Alé Alumbra



A dupla Miele-Watusi apresentará *Dançando Conforme a Música*, a nova série musical que alegrará as noites de segunda-feira.

* Voltou para o Brasil no início dos anos 80... Inaugurou no Rio a casa de espetáculos Scala

* Participou com Miele na década de 90 na condução do programa "Dançando Conforme a Música"



Maria Llanio, a mãe do empresário assassinado, tenta socorrer os netos na corte. Lyle, o mais velho da dupla, comprou um restaurante com o adiantamento da herança.

José Menendez chegou aos Estados Unidos aos 16 anos, mandado por seu pai, que havia perdido todas as propriedades em Cuba, sob o regime de Fidel Castro. Aos 19, casar-se-ia com Kitty, graduando-se em contabilidade e logo destacando-se nas empresas em que trabalhava. Mas foi na RCA que José começou a *decolar*. Firmou-se como executivo da divisão fonográfica da empresa e logo conquistaria para as fileiras da gravadora nomes como José Feliciano, Duran Duran e The Eurythmics. Foi o responsável pelo estouro mundial do conjunto Menudo. Na área cinematográfica, associou-se ao projeto Rambo, tornando-se bilionário com os filmes de Stallone e a venda das cópias em vídeo. Quando um de seus filhos abandonou o colégio e lhe pediu dinheiro para viajar com a namorada para a Europa, José respondeu: "Se você não está mais estudando, então arranje um emprego." Lyle e Eric resolveram tentar o caminho mais curto. À bala. ■

No Tribunal da Califórnia, cercados por seus advogados, os irmãos assassinos Lyle e Erik mostram frieza. O promotor pediu pena de morte.

2/2/80

Esta brasileira está enlouquecendo Paris

WATUSI

a rainha negra do Moulin Rouge

WATUSI

Reportagem de Humberto Borges

MARIA Alice Conceição, negra, 29 anos, natural do bairro de Caramujo, Niterói, RJ, com mil caracóis... conquistou Paris. Ouça: o *L'Express* diz que "ela canta como Barbra Streisand e engrandece todo o espetáculo do Moulin Rouge". *Paris Match* afirma que "tem os olhos de gazela e canta como *la Streisand* e *Shirley Bassey*". O grave *L'Aurore* deixa a política de lado e garante que "ela é uma bomba H emocional, e a voz, que voz!, só é comparável às suas pernas intermináveis e belas". Para o *La Fête*, "a negra brasileira possui uma voz excepcional". *Le Parisien* a vê como "uma fera do music hall; enquanto o *Tele Express* diz que "ela é formidável como a Via-Láctea". O *Herald Tribune* noticia seus grandes triunfos em Paris, e o *Diário de Barcelona* confessa: "Se Watusi não existisse, deveríamos inventá-la." Assim, na Europa, afirma-se que surgiu uma nova Josephine Baker. Mas ela, no Rio, passando férias, acompanhada do marido e empresário Aldo Fucile, diz simplesmente: "Eu sou Watusi. Tenho a minha voz. As outras têm as delas. Eu sou eu em tudo o que faço."

Então quem é Maria Alice Conceição, aliás Watusi? Bem, em resumo era uma garotinha humilde dos confins de Niterói que se tornou a estrela principal do Moulin Rouge, uma das vedetes mais bem pagas do mundo, cujo sucesso fez aumentar a freqüência do famoso cabaré parisiense. Ou seja, ela é uma das raras marjas que se recusou a carregar latas d'água na cabeça, porque desde pequena — como a Alice do País das Maravilhas — tinha a cabeça cheia de sonhos.

"Watusi é a estrela — diz ela — eu sou Maria Alice Conceição."

Manchete

São dois shows por noite e ela aparece doze vezes em cada um. Sempre que entra em cena, é uma bomba musical que explode, atingindo toda a platéia. Watusi fez os parisienses, geralmente afastados dos seus pontos turísticos, voltarem a frequentar o Moulin Rouge.



A Rainha Negra do Moulin Rouge
 Maria Alice Conceição



Ela ficou cinco anos viajando pelo mundo inteiro com a Brasileira para, enfim, chegar ao seu sonho dourado no palco do Moulin Rouge de Paris, onde se transformou numa das estrelas do music hall mais bem pagas de toda a Europa, nos dias de hoje.

NUNCA fui duas pessoas, apesar de geminiana (4 de julho de 1950). Nasci num bairro humilde e tenho cinco irmãos, mais um por parte de pai. Daquele tempo, não lembro nada, nem a cor da casa. Com dois anos, mudei para o Rio. Minha mãe tinha um salão de cabeleireiro em Copacabana, mas a vida era dura e aos cinco anos fui internada no Abrigo Olímpia de Belém, na Tijuca. Foi uma época ruim. Você sabe, uma criança de internato sente falta do calor familiar. No abrigo só havia uma visita por mês. Então, naquele dia, era a maior festa. Certa vez morreu uma menina do abrigo, por causa de comida estragada. Foi uma tristeza que nunca consegui esquecer. O diretor era muito mau, botava as crianças de castigo ajoelhadas sobre carcos de milho. Enfim, não houve muitas alegrias, na minha infância.

Já a adolescência, não foi tão má. Depois que saí do abrigo, moramos em Copacabana mais alguns anos, até que nos mudamos para Madureira, Vicente de Carvalho e, depois, Rocha Miranda. O subúrbio do Rio é clássico, casas simples, coloridas, meninos jogando bola nas ruas, pipa, boneca, brincadeiras assim. Mas desde cedo eu tinha um objetivo: a vida artística. Queria ser a estrela de alguma coisa. Sempre cantei bem, queria viajar, ver a Europa era meu grande sonho.

Aldo Fucile, marido e empresário de Maria Alice, aliás Watusi, toma parte na conversa. Tem 39 anos, é siciliano de

Catânia e, apesar da natureza tradicionalista dos seus conterrâneos, jamais teve problemas pelo fato de ser casado com uma vedete negra, como Watusi: "Ela é dotada de um grande talento. Canta e dança de uma maneira maravilhosa. No exterior, a crítica a considera como a maior estrela do music hall no momento. Eu, como bom siciliano, aproveito esta fama na hora de fazer os contratos. Não permito que ela mostre nem mesmo um seio no palco. Afora isso, Maria Alice ainda encontra tempo para ser uma mulher maravilhosa."

Sobre os contratos, Fucile lembra a primeira entrevista com o dono do Moulin Rouge — Jacques Clérico — que atraído pelo estardalhaço da imprensa espanhola foi a Barcelona ver um show de Watusi, no Teatro Victoria.

"Sem que soubéssemos da sua presença, depois do espetáculo ele se apresentou no camarim com o coreógrafo Rugero Angeletti, querendo assinar contrato na mesma noite. O coreógrafo perguntou se ela iria aparecer nua, mas ele mesmo, Mr. Clérico, respondeu: 'Esta artista não precisa tirar a roupa. Basta sua voz.' E tinha razão. Hoje, o Moulin Rouge — que como todos os pontos turísticos de uma cidade não atrai gente da terra — e tinha como clientes 90% de estrangeiro —, está cheio de parisienses todas as noites, atraídos por Watusi."

Como empresário, Aldo Fucile informa que, após um ano de contrato, houve renovação por mais dois e que, pelos

termos atuais, sua mulher é uma das artistas mais bem pagas da Europa. Quanto? Não diz.

MARIA Alice, aliás Watusi, retoma a história: "A realidade dos meus sonhos infantis começou nos programas de calouros. Particpei de vários. O primeiro foi *A Porta da Fama*, da TV Globo, dirigido por Silva Ferreira, animado por Mário Luís, Jonas Garret e Luís de Carvalho, em 1968."

— Antes houve alguma escola de samba?

— Nunca. Minha mãe não me levava. Dizia que eu era ridícula sambando. Só saí uma vez, em 1972, quando vim da Europa. Portela. Eu trabalhava de dia e estudava à noite na Escola Técnica Educandário N. S. de Fátima. O Carlos Alberto, jogador de futebol, campeão do mundo, estudava comigo. O colégio ficava na Praça do Carmo, em Brás de Pina.

— E o Moulin Rouge fica na Place Blanche, em Paris. Como foi parar lá? O que aconteceu?

— Aconteceu que eu percorri o mundo todo até chegar à Place Blanche. Certo dia o Miécio Azkanazi, dono do famoso show Brasileira, estava precisando de uma cantora. Tinha me visto na televisão e entrou em contato comigo, perguntando se eu queria viajar. Era o meu sonho que se realizava. A experiência foi fabulosa: Japão, China, Tailândia, Indonésia, Estados Unidos, Canadá e toda a Europa. Passamos cin-

co anos fazendo *tournées*, às vezes, de mil quilômetros por dia e apresentando no mesmo dia, coisa que era muito normal. Depois de cinco anos, conheci o *monsieur* aqui — diz, apontando para o marido onipresente. Eu estava em Nápoles. Ele era diretor de cinco firmas na Itália. E me deu o prazo de um ano. Largou tudo para trabalhar comigo. Se desse certo, tudo bem. Se não desse, a história seria aquela: casa, filhos, cozinha. Montou um show chamado *Watusi Canta Brasil*.

"Esse show durou muito pouco — intervém Fucile. — Depois de algumas apresentações, a TV espanhola gravou o espetáculo, que foi visto pelo diretor do Teatro Victoria, de Barcelona, e ele me ofereceu um contrato para Watusi, como estrela do seu show. O prazo de um ano transformou-se em chamadas. Chamadas geradas pelo fogo de Watusi, que incendiou a noite de Barcelona. Após outros sucessos pela Espanha, finalmente apareceu o dono do Moulin Rouge, Mr. Clérico. E o resto você sabe. Ou, se não sabe, pode ver aqui", arremata, mostrando um *portfolio*, onde recortes de jornais de toda a Europa — inclusive de países comunistas — estampam retratos de Watusi acompanhados de adjetivos grandiloquentes.

E, assim, Watusi foi parar no mais famoso cabaré do mundo, também um dos mais conservadores no ramo, que até hoje mantém o refinamento e a classe dos tempos em que Toulouse Lautrec ia ali para beber absinto e desenhar as pernas de La Goulue, uma das estrelas imortais da casa.

— E como lhe parece o Moulin Rouge, Maria Alice?

— Bom, o que me impressiona nele é a tradição. Fizemos questão de conservar o cabaré como era há 90 anos, quando foi fundado, tudo com muita distinção e elegância. Mesmo vazio, quando você entra lá sente a aura da boêmia parisiense. Não existem mais os apaches. Agora as pessoas são todas muito profissionais. Ali dentro, cada um se coloca no seu próprio lugar, como deva ser. Meu camarim é no estilo da época antigo, pequeno.

POR fora um letreiro em neon destas mes. E a luz ilumina a Place Blanche onde todas as noites, sem exceção, Maria que nasceu em Caramujo faz dez entradas em cada um dos dois shows da noite. Entre cada aparição ela tem trinta segundos para trocar de roupa de peruca, de sapatos, isso por três anos consecutivos. Fórmula para o sucesso. Tem sim:

"São 90% de trabalho, 10% de sorte, 100% de vocação e talento. O segredo, entretanto, é a humildade. As pessoas acatam e percebem minha humildade. Acho que aí está a fórmula. Mesmo porque humildade não é um truque. Watusi. Humildade sou eu mesma. Maria Alice Conceição."

Ela foi das poucas mulheres que não precisou ficar nua para fazer sucesso em Paris

Na fachada do Moulin Rouge, um grande letreiro em neon anuncia Watusi. Dia 30 próximo haverá um show especial ali, promovido pela Unicef, no qual ela será a vedete, apesar das presenças de Charles Aznavour, Ginger Rogers, Jerry Lewis e outros.



Apresentou-se no show
depois da vitória em

O HUMOR NA GUERRA DOS SEXOS

nada.
Tir

QUAL o sexo mais infiel? O masculino ou o feminino? Antes, porém, uma indagação necessária: qual o homem mais inocente do mundo? O Aiatolá Khomeiny, o novo arcanjo exterminador do pecado. Ele mandou fuzilar somente duas mulheres por infidelidade conjugal em toda a população do Irã: 33 milhões de habitantes. Mas, voltando à pergunta: qual é o sexo infiel? Eles:

- Na França, os maridos quase nunca falam de suas mulheres: receiam falar delas diante de homens que as conhecem melhor do que eles. (1)
- Não quero ser bigamo, gritou Adão, defendendo as costelas. (2)
- Para a maior parte das mulheres, amar um homem é enganar outro. (3)
- Minha filha está esperando pelo homem certo aparecer. Até lá, fica treinando com os homens errados. (4)

Elas:

- Uma mulher queixou-se ao juiz Ibn Zubair de que seu marido mantinha relações com a criada. Chamado a julgamento, o acusado explicou. "Minha mulher é mulata; nossa criada é mulata; e eu sou mfope. À noite, tenho que pegar o que está à mão." (5)
 - Os jovens querem ser fiéis, e não podem. Os velhos querem ser infieis, e não podem. (6)
 - Os libertinos são aranhas repugnantes que, às vezes, apanham lindas borboletas. (7)
- A guerra dos sexos, enquanto toma aspectos incríveis no Irã dos aiatolá, desenvolve-se na maioria dos países sob o signo do sorriso. Além dos músculos do homem e das curvas da mulher, sua arma principal é o humor com que cada lado procura caricaturar as mezas do outro ao promover o próprio

Na facha Marcado por ternura e malícia, esse *Moulin à-arma-de-guerra* tem produzido alguns dos ditos mais deliciosos tanto das literaturas acadêmicas como das populares. E as duas fontes continuam em plena produtividade. A guerra dos sexos começou literalmente com o primeiro homem. No paraíso terrestre, conta uma lenda indiana, Adão se sentia muito só e pediu a Deus uma companheira. Deus lhe deu Eva. Breve, estava novamente junto a Deus: "Senhor, não agüento a companhia da mulher que me deste: fala demais, queixa-se demais, resmungá demais. Por favor, retoma-a." Deus a retomou. Mas Adão voltou logo a importunar seu Senhor: "Não posso viver com ela, mas não posso mais viver sem ela."

Desde então, todo casamento tem sido uma ilustração dessa lenda.

E o homem, que faria a volta ao mundo em busca da mulher, não pára de repetir as queixas que Adão fazia:

● Minha mulher tem um defeito na garganta: de vez em quando precisa parar de falar para respirar. (8)

● Certas mulheres podem falar horas a fio sobre qualquer assunto. Minha mulher não precisa de assunto. (9)

Mas será que a arrogância masculina é mais tolerável do que a tagarelice feminina?

● Meu marido está mudando de religião: não mais acredita que ele é Deus. (10)

● Querida, escrevo para te contar que meu marido acaba de ser nomeado o Homem do Ano: o que te mostra que espécie de ano tivemos. (11)

● Meu marido pensa que se ele não tivesse nascido, o mundo procuraria saber por quê. (12)

Ele a acusa de ser interesseira e pródiga; ela o acusa de ser explorador e avaro:

● Casamento: o meio mais caro de se ter uma mulher de graça. (13)

● O amor é um oceano de emoções, inteiramente cercado por despesas. (14)

● Beijo: o de Judas valeu-lhe trinta dinheiros. Às mulheres, às vezes, vale uma renda vitalícia. (15)

● Nunca detestei um homem a ponto de devolver-lhe seus diamantes. (16)

Desde o tempo do paraíso terrestre, o casamento tem sido um dos principais teatros da guerra dos sexos. Qual dos dois o deseja mais? Quem tira proveito maior? Os golpes e contragolpes se sucedem:

● Todos os homens nascem livres e iguais: se, depois, decidem casar-se, a culpa é deles. (17)

● Solteirão: alguém que acha que o único casamento justificado foi aquele que o produziu. (18)

● O diabo, querendo pôr à prova a resignação de Jó e fazê-lo amaldiçoar a existência, arrebatou-lhe seus 10 filhos, 300 camelos, 7.000 ovelhas, 50 juntas de bois e 50 jumentos, mas teve o cuidado de deixar-lhe sua mulher. (19)

● Um homem publicou um anúncio em busca de uma esposa. Recebeu 1.500 respostas de homens oferecendo-lhe a sua. (20)

● Como pode uma mortal ser técnica de saúde, higienista, psicóloga, agente compradora, costureira, médica, dietista, dirigente de empregados, inspetora de jardim de infância, financista doméstica, conselheira,

hospedeira e uma linda senhora, tudo isso numa só pessoa? Não obstante, essas são apenas algumas das múltiplas personificações que a maioria dos homens espera encontrar em suas mulheres, não constituindo o seu salário senão a alegria suprema de os atenderem. (21)

● Unir-se a uma mulher significa ouvir dizer: "Preferes o futebol a mim; preferes os amigos a mim; preferes o jornal a mim", sem ter o direito de responder que sim. (22)

Sexo fraco? Talvez. Frágil? Jamais! O Professor Warren Thompson, especialista em estatísticas demográficas, mostrou que, de 100 mil pessoas de cada sexo, observadas desde o nascimento, vivem ainda, na idade de 75 anos, 26.667 mulheres e somente 23.401 homens. Conclui o professor que as mulheres são mais resistentes às doenças, às dores, às atribulações e à morte. Será? Ou será por que elas têm somente de agüentar os homens enquanto os homens têm de agüentar as mulheres?

Da mesma forma, o Dr. Neil Dayton, do Departamento de Saúde Mental do Estado de Massachusetts, observa que há apenas cinco mulheres para cada seis homens que sofrem de esgotamento nervoso e emocional (Não será pela mesma razão?)

E haverá um sexo superior?

Elas:

● Deus criou Adão para experimentar. Depois, considerou-o e disse: "Acho que posso fazer algo melhor." E criou Eva. (23)

● Enfrenta tuas dificuldades como homem atribuindo-as a tua mulher. (24)

● George Bernard Shaw estava discutindo com amigos sobre se o homem ou a mulher tem melhor julgamento. E apelou para sua mulher. "Mas claro, querido, que são os homens. A prova é que você me escolheu e eu escolhi você." (25)

Eles:

● Seja um anjo e deixa-me dirigir, pediu a mulher. E o homem deixou. Tornou-se, mesmo, um anjo no céu. (26)

● Quando fazemos negócios com uma mulher, de duas, uma: ou a tratamos como homem, e ela não tarda a chorar, ou a tratamos como mulher, e leve-me o diabo se ela não tira de nós tudo o que quer. (27)

FONTES DAS CITAÇÕES — 1. Montesquieu; 2. Academia do Bom Humor Francês; 3. Etienne Rey; 4. Sam Levenson; 5. As Mil e Uma Noites; 6. Oscar Wilde; 7. Diderot; 8. Jack Durant; 9. Sam Levenson; 10. Anônimo; 11. Anônimo; 12. Constância C. Vigil; 13. A. Mycho; 14. Thomas Dewar; 15. George Bernard Shaw; 16. Zsa Zsa Gabor; 17. Sophie E. Loeb; 18. Harlan Miller; 19. Flores Históricas do Larousse; 20. Pitigrilli; 21. H. L. Mencken; 22. Pitigrilli; 23. Madame Roland; 24. Samyra Baalbaqui; 25. Wit and Humour of Reader's Digest; 26. Corey Ford; 27. Richard Garnett.

'minimal'

MILTON ABRACHEO

Watnisi acabou. Era uma tribo africana com uns negões de dois metros de altura que foi exterminada pelos pigmeus, ora via. "Ela ficava lendo sobre os watnisis, via filmes com watnisis", diz Watnisi, a show-woman, 1,74 metro, 20 anos depois de alguém lhe dizer que, com aquele nome de Maria Alice da Conceição, ela não faria nada mais interessante que arfar panelinhas. Agora, Watnisi acabou de exterminar sua tribo: no show que estreia dia 21 (quarta-feira) e fica por duas semanas no Scala I, trocôz os "dez mil galatinhos", como diz, por quatro. E uma virada em sua carreira, ao custo de US\$ 10 mil (NCZ\$ 32 mil pelo câmbio paralelo). Quer mostrar apenas seu lado cantora, sem papagaladas, com tralhas mais simples (uma das quatro roupas do figurino é toda dourada: "e simples", diz ela), fazer um show a la Liza Minelli e Shirley Maclaine, seus ídolos. A sua maneira, optou pelo minimal. Pela tribo dos pigmeus.

Fico emocionada quando falo do show — suspira, enxugando o canto do olho.

Watnisi nunca foi mais uma balala que estacionou no norte. Ela realmente atinou, por muito tempo como estrela máxima do Moulin Rouge, de Paris, no Teatro Victoria de Barcelona, em Berlim etc. Durante cinco anos, correu Mundo com o espetáculo "Braziliana". Assim que saiu do Brasil, viu de perto Liza, as Shirley's Bassy e Maclaine, além de Tina Turner, em shows, e não teve dividas.

— Eu pensei: "É isso que eu sei fazer". Os generos são diferentes, mas todas têm o peso de stars. Eu tenho isso junto com um feeling funk de Janet Jackson.

Agora, ela se prepara para uma participação especial na minissérie da Rede Globo "A.R.T.O. Urcali", no papel de Josephine Baker — também personagem de um projeto de filme francês que há dez anos ela disputa com Diana Ross. No show do Scala, há novidades moderninhas, como "Marvin" (Titas), "E" (Gonzarilha), "Vamos dançar" (Ed Mot-ia), "Codhome Beija-Flor" (Gauza), "Careless whispers" (George Michael), No final, canta quase nua.

Fazendo o lina elétrica, ataca também de "Georgia" (Ray Charles), "Angela" (José Feliciano), "Nega Anjela" (Neginho da Beija-Flor), "Vilante" (Teresa Thocco), "The greatest love of all" (Whitney Houston), "Me deixa em paz" (Monsieur), seu carro-chefe, "Enjôcos" (Roberto e Erasmo Carlos), além da messianica "We are the champions" (Queen) e mais duas músicas em francês e uma em italiano. Ela entende tudo o que canta e também fala em alemão. Pretende gravar um segundo disco

com as músicas do espetáculo (o primeiro, indelével, é de 1982. Depois do Rio, Watnisi fará 12 shows nos EUA (Nova York, New Jersey, Boston, Los Angeles e Bahamas), um dos poucos países onde nunca cantou).

Tudo nela é exagero: diz que não morre sem cantar na Broadway, que não se "sotofornaria em ter um talento médio", que quer entrar para o "Guiness Book" por recordes em número de shows, tem numerosos sapatos e perfumes, dois stios no interior do Estado, e canta alto. Há, porém, algo nela de "antiperta", um lado Caramelo (São Gonçalo, onde nasceu) de ser em contraponto ao lado Place Pigalle. "Eu poderia cantar como João Gilberto", justifica, só quando está apaixonada ou sofrendo, tempos atrás, adotou uma triana da Funabem, já rejeitada por tres Iam-llas por ser muito arreida. Aos pontos, porém, começou a chama-la de mãe e gostava de vê-la cantar "Enjôcos", de Roberto Carlos. No dia em que a menina morreu por causa de um aneurisma, Watnisi cantou "Enjôcos" no Scala enquanto uma trombeta d'água desabava de seus ombros.

Aos 38 anos, ela está desde 1976 casada com o siciliano Aldo Fucile, que trocou a direção de cinco fabricas na Itália para morar com ela no Brasil. Os dois só conversam em italiano. Watnisi não consegue se livrar de alguns estigmas. Sabe que muita gente pensa que ela venceu na vida por, digamos, certa generosidade no "gerenciamento" de seus dem-dados atributos físicos, mas avisa:

— Neguei todas as propostas que eram contra minha educação. Eu tenho muita voz "autoritária" — diz, talvez pensando em dizer "muita autoridade" ou "voz ativa". — Muitos cartaz na Europa me ofereciam presentes esperando outras coisas.

Na Grécia, seu noivo George Lambriakis, um médico de rica família de políticos gregos, ofereceu-lhe metade de sua clínica de seus andares em Pirreus. Ela não quis, mas enquanto arrumava as malas, descobriu que o cavalheiro roubara seu passaporte. Quando morava em Berlim, sentiu que o editor Lothar Blauvelt, um dos maiores da Alemanha, e também fabricante de champagne, a estava "comprando". ofereceu-lhe a estadia e tirou-a de seu hotel três meses e colocou-a no Kempinski (um dos mais chiques de Berlim). O homem também alugava salões do Hilton para Watnisi, mandava orquestras pararem quando ela chegava às festas, freiou um avião em meio a uma greve de aeronautas para que a secretária de Yves Montand, Vivesse da França assistir a seu show, apresentasse-lhe com jóias e vestidos Chloé. Mas quando ela queria comer



Watnisi diz que é exagerada so quando sofre por amor e que nunca aceitou "propostas" de seus milionários fãs europeus

espaguete, o tipo quase tinha uma coísa e colocava os porteiros e garçons do hotel para não deixá-la ingerir "comida de boteco".

— Ele não deixava eu comer sanduíche também — lembra —, achava que uma estréia não devia fazer isso. Nunca namorei esse homem.

Watnisi começa a falar sobre um outro noivo, alemão — com quem ia se casar na Catedral de Colônia —, mas o marido chega na sala do apartamento, em Copacabana, e ela pára cantando "New York, New York".

— (Ele tem climas desse", sussurra). Nos dez anos de Europa, Watnisi se acostumou a ter tanto platéias all-stars quanto as composistas por gente empregada além da conta. Já foi assistida por Sylvester Stallone, Robert De Niro (seu amigo), Rachel Welch, Diana Ross, Yves Montand, Jean-Claude Brialy etc. Com estes dois últimos, atinou num show da

Unicef, em 1981, ao lado, também, de Ginger Rogers, Gene Kelly, Peter Ustinov, Dalida, entre outros. Nem tudo é tão glamuroso, mas ela não reclamou quando, na França, um tarrado pulou no palco e agarrou suas pernas. Outros sobem para beijá-la. No Moulin, um japonês vestido de samurai interrompeu o show para lhe dar flores.

Watnisi é também darling dos travestis, e uma das figuras que eles mais imitam, junto com Shirley Bassy cantando "Goldfinger". Liza Minelli de liga em "Cabaret". (ou cantando "New York, New York").

As duas projetam a mesma imagem de Watnisi: mulheres carrossas, de vozarrão, que, ineitadas em longos castifigos os "botões". Dia desses, ela viu no "Programa Silvio Santos" um rapaz chamado Watnisi e achou aquilo "um luxo".

— Me perguntam se eu sou tra-

● **Números**
Watnisi gostava de colecionar óculos e tinha dezenas deles. Bo-necas também (foje só tem dez). Seu armário abriga 70 pares de sapatos. No show "Simplemen-te Watnisi" (1982), trocava 15 vezes de roupa. Só no Scala, já fez 1.500 vezes apresentações ("sem falhar nem um dia"). No Moulin Rouge, foram 1.258 shows (durante três anos e meio, teve apenas 20 dias de férias; nunca faltou). "Quero entrar para o 'Guiness' da categoria", diz.

● **Perfumes**
Usa vários. Atualmente, Jonathan, Myster (Rocheas), além de outros de Saint-Laurent, Nina Ricci e Chanel números 5 e 19 ("Meu carro tá fedendo a Chanel", estão parando de usá-lo porque dizem que traz infelicidade; veja os casos de Marilyn Monroe, Jacqueline Kennedy — usava Chanel no dia do assassinato do marido — e até a morte da própria Coco Chanel!).

● **Candidato a Presidente**
Fernando Collor de Mello ("Eu sempre pedi collor" à minha mãe", brinca. "Fui a primeira a ter o seu adesivo no carro").

● **Religião**
"Como todos os brasileiros, acredito em tudo que tenha Deus: catolicismo, candomblé...".

● **Sigmo**
Gêmeos.

● **Cor**
Azul.

● **Incidentes em shows**
Vários. No último show do Scala, um Rolls-Royce não subiu ao palco, por um problema técnico ("Tive que fazer o show evitando chegar perto do palco para não cair". No mesmo Scala, uma mulher quebrou o dedo ao prender-lo numa engrenagem do palco e interrompeu o show. No Moulin Rouge, uma garota que voava por cima do público não entrou, ela teve de improvisar. No mesmo lugar, havia piscinas com golfinhos e focas, que participavam do show. Um dia, um golfinho não morreu ("e o elenco não parava de chorar", o pior era o mau cheiro que ficava no palco, o médico fazendo autópsia no bicho", conta).

Watusi

'minimal'

No show, ela muda tudo. Com poucos bailarinos e sem adereços, canta Titas, Queen

MILTON ABRACHEO

Watusi acabou. Era uma tribo africana com uns negões de dois metros de altura que foi exterminada pelos pigmeus ora vésia. "Eu ficava lendo sobre os watusis, via filmes com watusis", diz Watusi a show-woman 1,74 metro, 20 anos depois de alguém lhe dizer que, com aquele nome de Maria Alice da Conceição, ela não faria nada mais interessante que arrar panelas. Agora, Watusi acabou de exterminar sua tribo: no show que estreia dia 21 (quarta-feira) e fica por duas semanas no Scaia I, troucou os "dez mil bailarinos", como diz, por quatro. É uma virada em sua carreira, ao custo de US\$ 10 mil (Nôz 32 mil pelo cambio paralelo). Quer mostrar apenas seu lado cantora, sem papagaiadas, com trajes mais simples (uma das quatro roupas do figurino é toda dourada: "é simples", diz ela), fazer um show a la Liza Minelli e Shirley MacLaine, seus ídolos. A sua maneira, optou pelo minimal. Pela tribo dos pigmeus.

— Fico emocionada quando falo do show — suspira, enxugando o canto do olho.

Watusi nunca foi mais uma baleia que estourou no norte. Ela realmente atinou, por muito tempo como estrela máxima do Moulin Rouge, de Paris, no Teatro Victoria de Barcelona, em Berlim etc. Durante cinco anos, correu Mundo com o espetáculo "Braziliana". Assim que saiu do Brasil, viu de perto Liza, as Shirleys Bassey e MacLaine, além de Tina Turner, em shows, e não teve dúvidas.

— Eu pensei: "É, isso que eu sei fazer". Os gêneros são diferentes, mas todas tem o peso de stars. Eu tenho isso junto com um feeling funk de Janet Jackson.

Agora, ela se prepara para uma participação especial na minissérie da Rede Globo "A.E.I.O.U... Urcat", no papel de Josephine Baker — também personagem de um projeto de filme francês que há dez anos ela disputa com Diana Koss. No show do Scaia, há novidades moderninhas, como "Marvin" (Titas), "E" (Gonzaguinha), "Vamos dançar" (Ed Moteta), "Cochonme Bella-Flor" (Cazuza), "Careless whispers" (George Michael). No final, canta quase nua. Fazendo a linha eclética, ataca também de "Georgia" (Rady Charles),

com as músicas do espetáculo (o primeiro, independente, é de 1982, quando ela retornou ao Brasil). Depois do Rio, Watusi fará 12 shows nos EUA (Nova York, New Jersey, Boston, Los Angeles e Bahamas), um dos poucos países onde nunca cantou.

Tudo nela é exagero: diz que não morre sem cantar na Broadway, que não se "conformaria em ter um talento médio", que quer entrar para o "Guiness Book" por recordes em número de shows, tem numerosos sapatos e perfumes, dois sítios no interior do Estado, e canta alto. Há, porém, algo nela de "antipática", um lado Caramujo (São Gonçalo, onde nasceu) de ser em contraponto ao lado Place Pigalle. "Mofesta", não se julga exagerada ("Eu, poderia cantar como João Gilberto", justifica), so quando está apaixonada ou sofrida. Tempos atrás, adotou uma criança da Funabem, já rejeitada por três famílias por ser muito arredia. Aos poucos, porém, começou a chamá-la de mãe e gostava de vê-la cantar "Emocões", de Roberto Carlos. No dia em que a menina morreu por causa de um aneurisma, Watusi cantou "Emocões", no Scaia enquanto uma tromba d'água desabava de seus olhos.

Aos 38 anos, ela está desde 1976 casada com o siciliano Aldo Fucile, que trocou a direção de cinco fábricas na Itália para morar com ela no Brasil. Os dois só conversam em italiano. Watusi não consegue se livrar de alguns estigmas. Sabe que muita gente pensa que ela venoreu na vida por, alguns, certa generosidade no "gerenciamento" de seus beneditados atributos físicos, mas avisa:

— Neguei todas as propostas que eram contra minha educação. Eu tenho muita voz "autoritária" — diz, talvez pensando em dizer "Muita autoridade" ou "voz ativa". — Muitas caras na Europa me ofereciam presentes esperando outras coisas.

Na Grécia, seu noivo George Lambriakis, um médico de rica família de políticos gregos, ofereceu-lhe metade de sua clínica de seis andares em Piréus. Ela não quis, mas enquanto arrumava as malas, descobriu que o cavaleiro roubara seu passaporte. Quando morava em Berlim, sentiu que o editor Lothar Blauvelt — um dos maiores da Alemanha, e também fabricante de champagne — a estava "comprando": ofereceu-lhe



Foto de Guilherme Bastos

Watusi diz que é exagerada só quando sofre por amor e que nunca aceitou "propostas" de seus milionários fãs europeus

espaguete, o tipo quase tinha uma coxsa e colocava os porteiros e garçons do hotel para não deixá-la ingerir "comida de boteco".

— Ele não deixava eu comer sardinha também — lembra —, achava que uma estrela não devia fazer isto. Nunca namorei esse homem.

Watusi começa a falar sobre um outro noivo, alemão — com quem la se casar na Catedral de Colônia —

Unicef, em 1981, ao lado, também, de Ginger Rogers, Gene Kelly, Peter Ustinov, Dalida, entre outros. Nem tudo é tão glamouroso, mas ela não reclamou quando na França, um tarado pulou no palco e agarrou suas pernas (outros sóbem para beijá-la. No Moulin, um japonês vestido de samurai interrompeu o show para lhe dar flores.

Watusi é também darling dos travestis, e uma das figuras que eles vestis, se eu sou travesti operado — conta. A verdade é que Watusi sabe tudo o que é. Diz que nunca sentiu o preconceito racial, mas já quis ter cabelo liso ("O cabelo duro é difícil de pentear, né? Mas essa fase passa"). Em 1965, era o clone brasileiro de Miriam Makeba no hit "Para patá" (mal sabia o que significava aquele dialeto africano da letra). Ignorava a ebulição política e os movimentos musicais ("Prometia Jovem Garrafa

● N N Watusi óculos neças. Seu an sanatic te Wate zes de 1.500) falhar Rouge rante mas 20 (toij), 'Guin

● Pei Usa v tou, outro Ricci nai, e que d veia l roe, J Chann marc pta (

● Ca Perma semje máe" ter o

● R "Com dito e tolicci

● S S Gém

● C Azuli

● H Vári o que é. Dize que nunca sentiu o pre-la, u illo ("O cabelo duro é difícil de pentear, né? Mas essa fase passa"). Em 1965, era o clone brasileiro de Miriam Makeba no hit "Para patá" (mal sabia o que significava aquele dialeto africano da letra). Ignorava a ebulição política e os movimentos musicais ("Prometia Jovem Garrafa

WATTSI

O sucesso de uma vedete imponente que lembra Josephine Baker

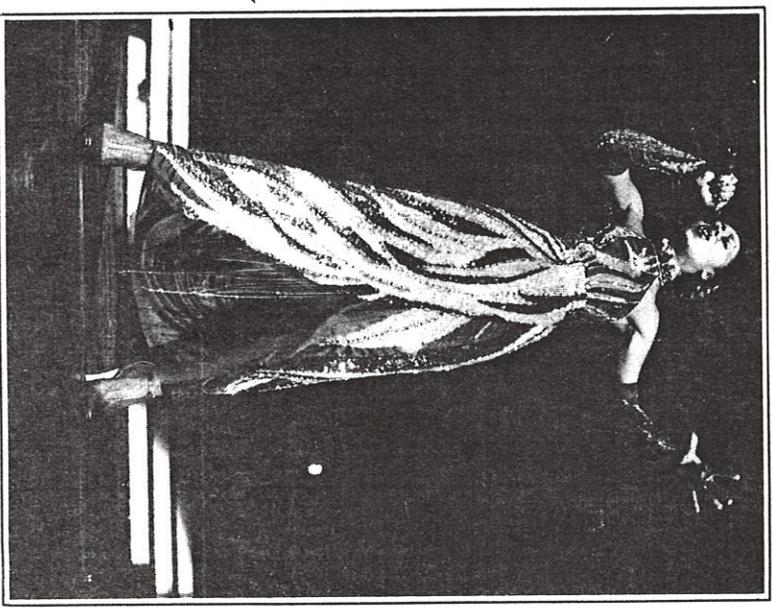
Pelos Palcos

HELOISA DADDARIO

Para Haroldo Costa, ela é a última das grandes Vedetes. Para Maurício Sherman, que a dirige no show "Golden Rio", no Scala, Wattusi é uma profissional perfeita. Para a plateia, é a estrela do Moulin Rouge, de Paris, que lembra Josephine Baker, a quem foi comparada em todos os países por onde se apresentou. Voz imponente, corpo escultural, pernas longas, Wattusi entra em cena cantando "Emoções", de Roberto Carlos, numa interpretação jazzística. Mas é cantando um tributo a Grande Otelo que emociona a plateia. Roupa em estilo Carmen Miranda em pedrês verde e rosa, saltos altos e um grande turbante fazem Wattusi parecer muito mais alta. Ela tem 1m 74, porte imponente, longas unhas pintadas de vermelho mas, sem maquiagem, o jélio é de menina.

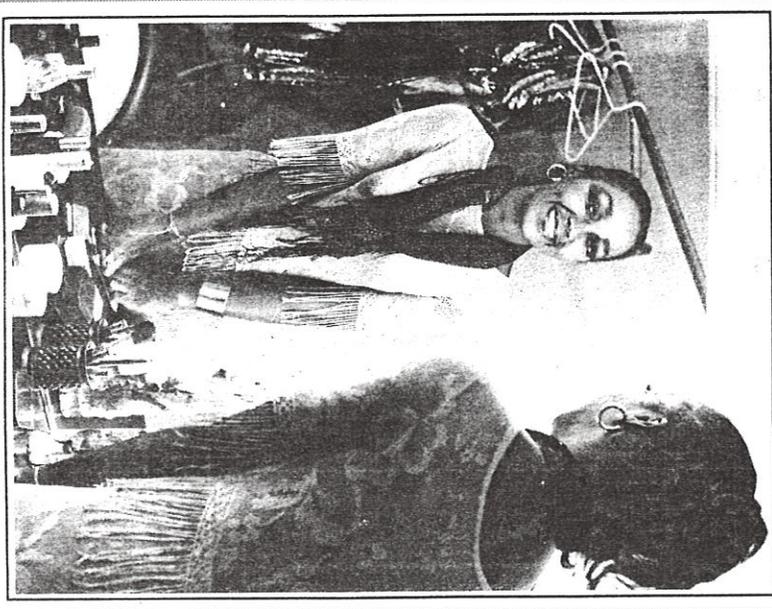
Wattusi morou 12 anos na Europa e foi a vedete do Moulin Rouge durante três anos. Fala inglês, francês, alemão, italiano e espanhol. Morou em Paris no Faubourg Saint-Honoré, viajou a Europa inteira, adora os vestidos de Saint-Laurent, os sapatos de Charles Jourdan, as roupas italianas. Casou com um industrial italiano, Aldo Fucile. Comporta-se como uma estrela de educação europeia mas fala, sem rodeios, que nasceu no Caramujo, Niterói, de família pobre, tem 34 anos e que se chama Maria Alice Conceição. Diz Wattusi: — Nasci cantando. E sempre soube que seria uma estrela. Fazia compras cantando, ajudava minha mãe a preparar pensão para o grupo da fábrica, sempre cantando. Edizia para minha mãe que seria famosa. Tudo aconteceu. E, quando as coisas saem perfeitas, não fico surpresa, fico agradecida.

No Caramujo, ela morava com a mãe e cinco irmãos. Lia a "Revista do Rádio" e era fã de Ângela



calouros na Rádio Mayrink Veiga, às 7 horas da manhã. Fui sozinha, depois de insistir muito. Minha família era humilde, tudo muito limitado, até dinheiro da passagem. Minha mãe não queria, mas eu fui. Trabalhava numa fábrica em Vi-

Wattusi, no palco e no camarim: 'Nasci cantando. E, quando as coisas saem perfeitas, não fico surpresa, fico agradecida'



de Miriam Makeba. Cantava descalça, pernas de fora, roupa aberta do lado: — Cantava em africano, decoro tudo. Aliás, no início era assim. Cantava os sucessos italianos na parada de sucesso como "Dio co-

com o Brasileira por toda a Europa, sempre cantando. Aprendeu a dançar, foi aprendendo idiomas, fez amigos. Em 1975, foi a Paris visitar amigos. Lembro que estavam contratando artistas para um número brasileiro no show do Moulin

devia a vedea. quem num hana, sando de 1,2 maior. Em Fucile em M M que n ro. Alu. tustin. ditao. coreó. Espar saber brasl papel mas is ela fic. — mosts ou m que ti Da guar res do para pacabl em l os em Comi pro h Italia Wa do que d. uma seis, com pa, d. cação.

WALL TO WALL JOURNAL

O sucesso de uma vedete imponente que lembra Josephine Baker

HELIOISA DADDARIO

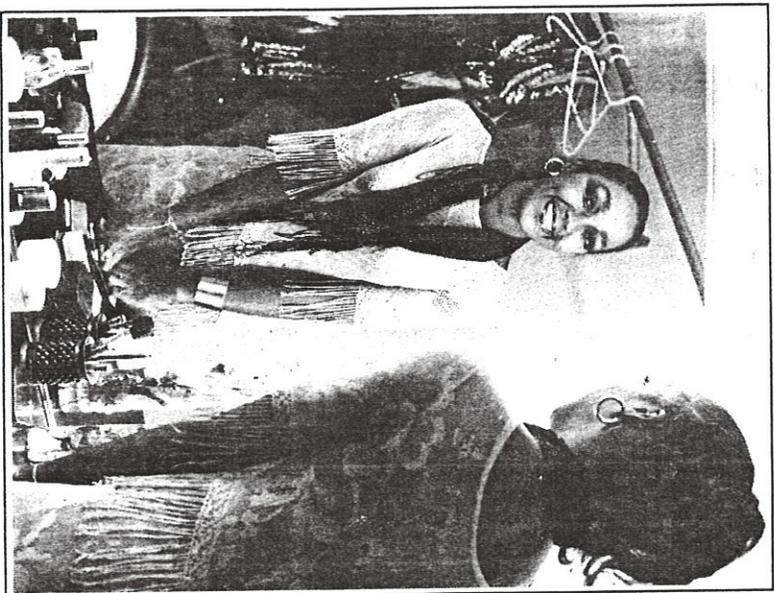
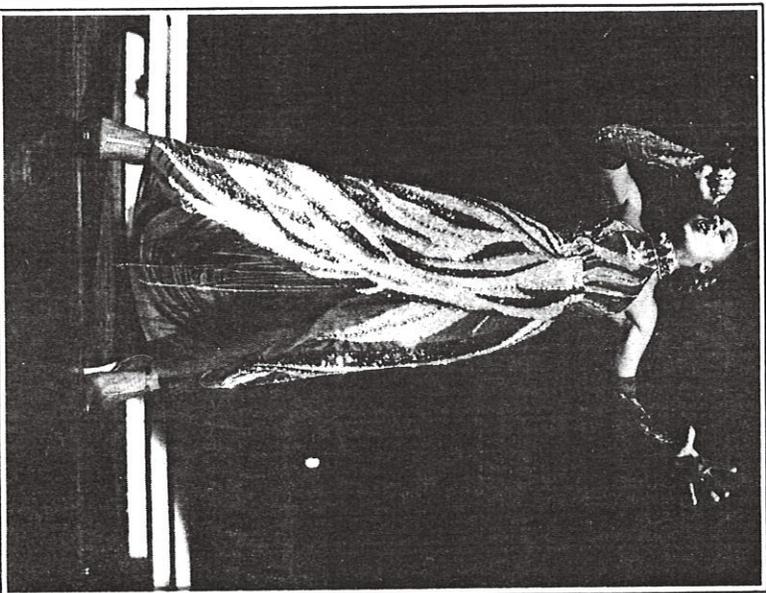
Para Haroldo Costa, ela é a diva das grandes vedetes. Para Maurício Sherman, que a dirige no show "Golden Rio", no Scala, Watusti é uma profissional perfeita. Para a plateia é a estrela do Moulin Rouge de Paris, que lembra Josephine Baker, a quem foi comparada em todos os países por onde se apresentou. Voz imponente, corpo escultural, pernas longas, Watusti entra em cena cantando "Emocões", de Roberto Carlos, numa interpretação jazzística. Mas é cantando um tributo a Grande Otelo que emociona a plateia. Roupas em estilo Carmen Miranda em paetês verde e rosa, saltos altos e um grande turbante fazem Watusti parecer muito mais alta. Ela tem 1m 74, porte imponente, longas unhas pintadas de vermelho mas, sem maquiagem, o jeito é de menina.

Watusti morou 12 anos na Europa e foi a vedete do Moulin Rouge durante três anos. Fala inglês, francês, alemão, italiano e espanhol. Morou em Paris no Faubourg Saint-Honoré, viajou a Europa inteira, adora os vestidos de Saint-Laurent, os sapatos de Charles Jourdan, as roupas italianas. Casou com um industrial italiano, Aldo Fucile. Comportou-se como uma estrela de educação europeia mas fala, sem rodeios, que nasceu no Caramujo, Niterói, de família pobre, tem 34 anos e que se chama Maria Alice Conceição. Diz Watusti:

— Nasci cantando. E sempre soube que seria uma estrela. Fazia compras cantando, ajudava minha mãe a preparar pensando para o grupo da fábrica, sempre cantando. Eu dizia para minha mãe que seria famosa. Tudo aconteceu. E, quando as coisas saem perfeitas, não fico surpresa fico agradecida.

No Caramujo, ela morava com a mãe e cinco irmãos. Ia a "Revisita do Rádio" e era fã de Ângela Maria, Edith Veiga, Nidia Latyete. Conta ela:

— Cantava músicas românticas, tipo "vovozinho". Adorava Angela Maria, que comparo a Shirley Bassey. Não pensava em casar e ter filhos. Queria ser cantora. Aos 12 anos fui cantar num programa de



Watusti, no palco e no camarim: 'Nasci cantando. E, quando as coisas saem perfeitas, não fico surpresa, fico agradecida'

calouros na Rádio Mayrink Veiga, às 7 horas da manhã. Fui sozinha, depois de insistir muito. Minha família era humilde, tudo muito limitado, até dinheiro da passagem. Minha mãe não queria, mas eu fui. Trabalhava numa fábrica e com o gerente de Carvalho, não perdia um programa de calouro. Até que, um dia, fui me apresentar no programa. Porta da Fama, na TV Globo, como caloura. O Silva Ferreira me ouviu e entrou como convidada.

O nome Watusti surgiu quando ela gravou "Pata Pata", sucesso

de Miriam Makeba. Cantava descalça, pernas de fora, roupa aberta do lado.

— Cantava em africano, decorrei tudo. Aliás, no início era assim. Cantava os sucessos italianos na parada de sucesso como "Dio come ti amo", tudo decorrido e com o sucesso de "Pata Pata", virei popular e todo mundo pensava que era americana. Por causa desse poster, assinei contrato com o grupo Brasileira e fui para a Europa, em 1970.

Durante cinco anos, ela viajou

com o Brasileira por toda a Europa, sempre cantando. Aprendeu a dançar, foi aprendendo idiomas, fez amigos. Em 1975, foi a Paris visitar amigos. E soube que estavam contratando artistas para um novo espetáculo brasileiro no show do Moulin Rouge.

— Fui, botei um biquíni, cantei e agradei. Eles me disseram que eu devia cantar um minuto e meio. Não gostei. "Você entra, canta um sambinha" diziam, e eu também não gostei. Aquela não era a minha. Ai o coreógrafo disse que eu

devia abrir os braços e apresentar a vedete da casa, a Lisette Malideau. E eu disse que nada feito, que eu não abria braço para ninguém nem apresentava vedete nenhuma porque a vedete, no Brasileira, era eu. E fui embora, recusando um salário de US\$ 800 (cerca de 1,2 milhão), mesmo estando na maior dureza.

Em 1975, Watusti conheceu Aldo Fucile, diretor de cinco fábricas em Milão, que largou tudo e a seguiu nas *tournees* pelo mundo inteiro. Aldo montou um show para Watusti na Espanha. O sucesso foi imediato. Três anos depois, o mesmo coreógrafo do Moulin Rouge foi à Espanha contratar Watusti, sem saber que se tratava da mesma brasileira que havia recusado um papel no show. Quase desmaiou, mas levou Watusti para Paris, onde ela ficou até 1982, quando voltou ao Brasil.

— Eu queria trabalhar aqui, mostrar que sou sucesso. Foi mais ou menos aquela de "eu não disse que tinha talento?". Da Europa, Watusti trouxe um guarda-roupa monumental, 90 pares de sapato, uma coleção de perfumes e toda a aparelhagem, loulças e cristais para a casa que está reformando, perto de Vassouras. Ela tem um apartamento em Copacabana e está vendendo o sítio em Ithorai, depois de dois assaltos em que a caseira sofreu violências e tudo foi roubado. Diz Watusti:

— A minha casa é em estilo inglês, com um lago e um terreno de 127 mil metros quadrados. Estou fazendo uma cozinha maravilhosa para mim, não para empregada. Adoro cozinhar. Tenho máquinas para tudo, comprei na Europa, todo ano frequentava a Feira de Utilidades Domésticas em Paris. Comprei o que havia de novo. Compro livros de culinária, faço pratos italianos para o Aldo todo dia.

Watusti se diz consumista. Gosta do que é caro, diz que adora gastar dinheiro. Não usa pintura mas tem uma coleção de perfumes e, a cada seis meses, o marido vai à Itália e compra uma coleção de roupas para ela. Depois de 12 anos de Europa, diz que estranha a falta de educação, a loucura do trânsito e a passividade do brasileiro.

— Na Europa as coisas apódecem nas prateleiras e se o pão stur, ninguém compra. Todo mundo reclama, aqui ninguém fala nada. Por isso a inflação vai aumentar cada vez mais. Eu sempre digo que o brasileiro dorme e esquece.